

LIA OSÓRIO MACHADO E A GEOGRAFIA BRASILEIRA: GEOPOLÍTICA, FRONTEIRAS E A ARTE DE DECIFRAR O ESPAÇO GEOGRÁFICO

LIA OSÓRIO MACHADO AND BRAZILIAN GEOGRAPHY:
GEOPOLITICS, BORDERS AND THE ART OF DECIPHERING GEOGRAPHIC

LIA OSÓRIO MACHADO Y LA GEOGRAFÍA BRASILEÑA: GEOPOLÍTICA,
FRONTERAS Y EL ARTE DE DESCIFRAR EL ESPACIO GEOGRÁFICO

// RESUMO

AUTOR

Monica Sampaio Machado 

FILIAÇÃO INSTITUCIONAL

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE
JANEIRO

E-MAIL

monicasampaio Machado@gmail.com

DATA DE SUBMISSÃO: 26/10/25

DATA DE APROVAÇÃO: 04/12/25

DOI: 10.12957/GEOUERJ.2025.94862



E-ISSN 1981-9021

ESTE É UM ARTIGO DE ACESSO ABERTO
DISTRIBUÍDO SOB OS TERMOS DA LICENÇA
CREATIVECOMMONS BY-NC-SA 4.0, QUE
PERMITE USO, DISTRIBUIÇÃO E REPRODUÇÃO
PARA FINS NÃO COMERCIAIS, COM A CITAÇÃO
DOS AUTORES E DA FONTE ORIGINAL E SOB
A MESMA LICENÇA.

Este artigo apresenta uma reconstituição da trajetória espacial e intelectual da geógrafa Lia Osório Machado, analisando a relação entre sua formação, seu percurso profissional, seus temas de investigação e o quadro teórico-metodológico que desenvolveu dentro da Geografia. O texto procura demonstrar como sua experiência de vida foi importante na formulação de suas ideias e conceitos geográficos, explorando desde a infância entre o Brasil e os Estados Unidos; as formações na Universidade do Brasil e os trabalhos de campo no Centro-Oeste e na Amazônia, na Universidade de Wisconsin-Madison e na Universidade de Barcelona; as investigações sobre as redes geográficas do tráfico de drogas ilícitas e o sistema financeiro, e, os estudos sobre as faixas de fronteira. O artigo argumenta que a produção de Lia Osório Machado é caracterizada pela integração sistemática entre observação empírica, fundamentação teórica e análise geopolítica. O objetivo é mostrar como sua trajetória espacial não foi apenas pano de fundo, mas elemento constitutivo de um olhar geográfico que redefiniu importantes abordagens sobre o território brasileiro, notadamente sobre a Amazônia e as regiões de fronteira, e influenciou tanto o campo acadêmico quanto o planejamento territorial do Estado.

Palavras-chave: Geografia brasileira; Lia Osório Machado; Amazonia; geopolítica; zona de fronteira.

// ABSTRACT

This article presents a reconstruction of the spatial and intellectual trajectory of geographer Lia Osório Machado, analyzing the relationship between her education, her professional career, her research themes, and the theoretical-methodological framework she developed within Geography. The text seeks to demonstrate how her life experience was important in the formulation of her geographical ideas and concepts, exploring her childhood between Brazil and the United States; her educations at the University of Brazil and fieldwork in the Midwest and the Amazon, at the University of Wisconsin-Madison and the University of Barcelona; her investigations into the geographic networks of illicit drug trafficking and the financial system; and her studies on border strips.

The article argues that Lia Osório Machado's work is characterized by the systematic integration of empirical observation, theoretical foundations, and geopolitical analysis. The objective is to show how its spatial trajectory was not just a backdrop, but a constitutive element of a geographic perspective that redefined approaches to Brazilian territory, notably the Amazon and border regions, and influenced both the academic field and the State's territorial planning.

Keywords: Brazilian geography; Lia Osório Machado; Amazon; geopolitics; border zone.

// RESUMEN

Este artículo presenta una reconstrucción de la trayectoria espacial e intelectual de la geógrafa Lia Osório Machado, analizando la relación entre su formación, su trayectoria profesional, sus temas de investigación y el marco teórico-metodológico que desarrolló en el ámbito de la Geografía. El texto busca demostrar la importancia de su experiencia vital en la formulación de sus ideas y conceptos geográficos, explorando su infancia entre Brasil y Estados Unidos; su formación en la Universidad de Brasil y su trabajo de campo en el Medio Oeste y la Amazonia, en la Universidad de Wisconsin-Madison y la Universidad de Barcelona; sus investigaciones sobre las redes geográficas del narcotráfico y el sistema financiero; y sus estudios sobre franjas fronterizas.

El artículo argumenta que la obra de Lia Osório Machado se caracteriza por la integración sistemática de la observación empírica, los fundamentos teóricos y el análisis geopolítico. El objetivo es mostrar cómo su trayectoria espacial no fue solo un telón de fondo, sino un elemento constitutivo de una perspectiva geográfica que redefinió los enfoques del territorio brasileño, en particular la Amazonia y las regiones fronterizas, e influyó tanto en el ámbito académico como en la planificación territorial del Estado.

Palabra Clave: Geografía brasileña; Lia Osório Machado Amazonía; geopolítica; zona de frontera.

INTRODUÇÃO



Escrever sobre uma personagem da história da Geografia brasileira é sempre um desafio. E escrever sobre Lia Osório Machado, não foge à regra. Seja pela densidade de suas pesquisas, textos e intervenções, com grande quantidade de ideias, dados, referências e reflexões bem fundamentadas, seja pela sua personalidade

autêntica, radical e livre. Características que se expressam tanto no trato cotidiano quanto nos seus trabalhos e atividades profissionais. Interpretar um papel social para o agrado e a validação alheia nunca foi sua preocupação. O que sempre lhe importou era poder expressar de forma honesta seu pensamento, mesmo que tivesse que externar um comentário ou uma intervenção ácida ou contundente. E em geral, tocava na raiz do problema. Sua impaciência com a mediocridade intelectual nunca lhe permitiu outro comportamento.

Ao mesmo tempo, é uma pessoa generosa, ama a vida e admira o ser humano, valorizando sua essência e contradições. Culta, inteligente e extremamente observadora, com uma curiosidade genuína, parece estar sempre um passo à frente, percebendo o que outros sequer notam. Características que qualificaram ainda mais seu trabalho na Geografia, para a qual o mundo empírico é a principal fonte de conhecimento. Assim, sua capacidade de interpretar o espaço geográfico, sua sensibilidade geográfica, foi se tornando mais aguçada ao longo de sua trajetória profissional. A habilidade em transformar uma simples observação de fenômenos, fatos cotidianos ou acontecimentos em uma chave de leitura espacial é admirável. Virtude incomum, que também pude observar em três grandes profissionais da Geografia que tive a sorte de trabalhar, Lysia Bernardes, Pedro Geiger e Ruy Moreira.

Para Lia, por exemplo, um rio não é apenas água correndo, mas um ente geográfico, que modifica o relevo, define rotas de transporte, influencia o clima, condiciona ocupação, carrega histórias e conflitos etc. A construção de uma nova estrada na Amazônia não é somente um traço

no mapa, mas um vetor de transformações profundas, uma importante intervenção no terreno que desencadeia um sistema de impactos: desmatamentos, grilagens de terras, surgimentos de núcleos urbanos, pressão sobre populações tradicionais, aumento da circulação de riquezas, etc. Um simples tipo diferente de telhado, uma placa em outra língua em um comércio, uma mudança na vegetação à beira da estrada, movimentos de pessoas ou um detalhe qualquer não são meros acidentes, mas pistas que contam histórias de transformação do espaço, revelando futuros possíveis. Essa sensibilidade para decifrar o espaço é traço fundamental do olhar geográfico de Lia Machado, puro e refinado.

A CARTOGRAFIA DE UM PENSAMENTO: TRAJETÓRIA E OLHAR GEOGRÁFICO DE LIA OSÓRIO MACHADO

Só hoje com 84 anos, eu vejo que grande parte da minha vida eu fui de uma enorme arrogância. Lembro da minha tia dizendo que eu era uma criança horrorosa, de uma teimosia e uma arrogância.... Esse traço que estou falando, trago desde criança, mas não sei de onde saiu. O que posso dizer é que da minha infância ficou que eu não era presa a nada a não ser a minha família. (Lia Osorio Machado, 2025)

Apesar de ter suas raízes no Rio de Janeiro, Lia Osório Machado nasceu em São João Del Rei, Minas Gerais, em 28 de agosto de 1940. Nasceu em casa, com uma parteira, em um quartel militar. Filha e neta de oficiais do Exército, seu pai havia sido transferido do Rio de Janeiro para São Joao Del Rei, por intermédio do sogro, um militar de alta patente, para tratar uma suspeita de tuberculose. Comum à carreira militar deslocar-se com frequência, não apenas o pai, mas toda a família se mudou muito e morou em vários lugares. Poucos meses após seu nascimento, a família retornou ao Rio. Durante a Guerra, seu pai foi sozinho para os Estados Unidos, retornando posteriormente para realizar o curso de Engenharia. Sua mãe era descendente de italianos e muito católica, não trabalhou fora e sempre se dedicou à administração familiar e a acompanhar o marido.

Meu pai e avô foram oficiais do Exército, ambos evoluíram para outras atividades. Minha avó paterna era filha de mãe judia e era espírita. Meu avô era filho de médico sanitarista. Meus avós maternos eram imigrantes italianos, do fluxo do final do século XIX. Meu avô era siciliano, nascido e criado em Messina, inventou algumas coisas quando veio para o Brasil, que não me lembro bem, um motor ou uma caldeira para navio, que foi usado em uma das linhas italianas que vinham para a América do Sul. Isso que lhe deu algum dinheiro para sustentar a filharada. (Lia Osório Machado, 2025)

Em 1946, toda a família é transferida para os Estados Unidos, para Michigan, lá residindo por cinco anos. Durante esse período, realizaram muitas viagens pelo território estadunidense. Assim, Lia não só foi alfabetizada em inglês, tornando-se bilíngue, como também desde muito jovem registrou em sua memória vários lugares e paisagens norte-americanas. Quando retornaram ao Brasil, ela estava com 11 anos, e como os pais consideravam o conhecimento e a formação profissional imprescindíveis, Lia teve uma educação rígida, estudando em colégios tradicionais e dando continuidade ao estudo da língua inglesa.¹

Ao chegar ao Brasil, moraram cerca de um ano no Rio de Janeiro. Em 1952, o pai é transferido para Curitiba, Paraná, onde havia uma fábrica do Exército, de equipamento militar, estímulo dos EUA. Em Curitiba, seu pai aderiu ao comunismo e ingressou no então Partido Comunista Brasileiro (PCB), o que, posteriormente, em 1964, o levou a deixar o Exército, indo para a reserva e em seguida sendo reformado pelo Ato Institucional.² Em 1955, a família volta novamente para o Rio de Janeiro e passa a morar no Leblon. Lia retornou ao Colégio Metodista Bennett, onde estudava antes de ir para Curitiba. Em 1958, ingressou na Faculdade de Filosofia da então Universidade do Brasil, atualmente Universidade Federal do Rio de Janeiro, e iniciou o Curso de Graduação em Geografia.³

1 Lia Osório Machado (2025)

2 O jornal Correio da Manhã, de 12 de abril de 1964, anunciou e disponibilizou a lista dos 122 oficiais transferidos para a reserva, pelo Comando Supremo da Revolução: 77 oficiais do Exército, 14 da Marinha e 31 da Aeronáutica.

3 Lia Osório Machado (2025). A origem da UFRJ, remonta à Universidade do Distrito Federal (1935-1937, iniciativa de Anísio Teixeira) e à Universidade do Brasil (1939-1964). Em 1965, depois da mudança da capital e da instalação da Universidade em Brasília, a instituição passa a se chamar Universidade Federal do Rio de Janeiro. (Mônica Machado, 2009)

Para ingressar na Universidade fiz prova oral. Bertha, Maria do Carmo e Hilgard eram a banca. Lembro que eram cinco vagas e eu fui a última a passar. Hilgard gostou muito de mim, porque eu falava inglês e era filha de militar. Ele, que era um americanista e da direita radical, achava que com essas duas qualidades, eu não iria virar comunista. Passei, então, a estagiar no Centro de Pesquisa de Geografia da Universidade do Brasil, o CPGB. (Lia Osório Machado, 2025)⁴

Embora inicialmente pretendesse fazer Arquitetura, estudar Geografia sempre muito lhe interessou, pelo amor que nutria pelas viagens e por considerar divertido conhecer o mundo pelo espaço geográfico. O Curso de Geografia da Universidade do Brasil lhe proporcionou uma formação sólida, com auxílios financeiros para pesquisa, que naquela década, começavam a chegar na Universidade. Além das aulas teóricas e as atividades de pesquisa, a realização das excursões de campo também foi fundamental para sua formação. Não só proporcionaram informações sobre a realidade espacial brasileira, através do reconhecimento de diversas partes do território, como introduziram as bases de uma metodologia geográfica de trabalho de extrema relevância.

Entre as principais excursões de campo realizadas durante sua formação, Lia dá particular destaque a que realizou no último ano da faculdade, em 1962, com o professor Hilgard Sternberg, e os professores da Universidade de Heidelberg, Gottfried Pfeiffer e Gerhard Kohlhepp, ao Vale do Itajaí, Santa Catarina, e ao norte e sul do estado do Espírito Santo.⁵ Estado este onde posteriormente retornou com Bertha Becker, para realização de um trabalho de campo que subsidiou a tese de livre docência de Bertha.

Em 1963, Hilgard Sternberg sugeriu que Lia Osório realizasse o Curso de Mestrado nos EUA e a indicou para a Universidade de Wisconsin-Madison, para desenvolver estudos sobre

4 Hilgard Sternberg era professor catedrático de Geografia do Brasil e foi uma figura central no ensino e na pesquisa em Geografia na Universidade, entre 1945 e 1964. Tinha uma formação sólida, dominava o alemão e o inglês, e sua atividade acadêmica e política foi singular. Estabeleceu vínculos com órgãos nacionais recém-criados, como o CNPq; com setores políticos, como a Câmara dos Deputados; com órgãos internacionais, como a União Geográfica Internacional; e com universidades americanas e alemãs. Fundou em 1952, o Centro de Pesquisas de Geografia do Brasil (CPGB), diretamente ligado à reitoria e apoiado pela Fundação Rockefeller, com o propósito de criar um núcleo de pesquisa sobre a realidade espacial brasileira. Católico e conservador, sua postura política reacionária e fiel às posições retrógradas, já assinaladas por Milton Santos e Pedro Geiger, impediram a entrada de correntes de esquerda e de tendências marxistas na Universidade, como as de Jean Tricard, Pierre George e Michel Rochefort. Foi responsável por formar o primeiro grupo de geógrafos da Universidade dedicados à investigação do espaço brasileiro; dentre eles destacavam-se as professoras Maria do Carmo Corrêa Galvão e Bertha Becker, que, de diferentes maneiras, levaram adiante o Curso e a pesquisa em Geografia do Brasil na Universidade. (Mônica Machado, 2009, p.107-139)

5 Vale a pena consultar o artigo escrito, em 2011, pelas então alunas Maria Helena Lacorte, Mariana Miranda, Maristella Brito e Lia Osório, em homenagem a Hilgard Sternberg. Além da detalhada contribuição do geógrafo, há uma fotografia muito interessante com Lia Machado, Maristella Brito, Maria do Carmo Menezes, então alunas da Universidade, e os professores Hilgard Sternberg e Gottfried Pfeiffer.

Biogeografia.⁶ Chegando lá, Lia desistiu da Biogeografia e se dedicou à Cartografia, formação que foi fundamental e muito lhe ajudou na elaboração de vários mapeamentos nas pesquisas dirigidas por Bertha Becker e, posteriormente, nas suas próprias investigações. Contudo, em função do Golpe Militar no Brasil, em 1964, retornou ao país, sobretudo para acompanhar a situação do seu pai, que havia sido expulso do Exército por ter se tornado comunista. Assim, Lia não concluiu o mestrado nem realizou, na sequência, o doutorado, como havia sido planejado para ela por Sternberg, o que não agradou ao professor. Ficou no Rio de Janeiro e foi morar com a mãe, no Leblon.⁷

Por sua vez, Hilgard Sternberg, que desde a década de 1940 tinha relações profissionais com os norte-americanos, estava lecionando na Universidade da Califórnia, em Berkeley, em 1964. A convite dos norte-americanos deixou o Brasil e transferiu-se para os EUA.⁸ Esse convite, estava associado não apenas às suas antigas relações de trabalho, mas, possivelmente pela atuação de seu amigo Gustavo Corsão (escritor, engenheiro, ensaísta e jornalista brasileiro, expoente no pensamento católico e conservador e um dos intelectuais de 1964), que assim como Hilgard era profundamente católico.⁹ Com a saída de Sternberg do Brasil, Maria do Carmo Galvão e Bertha Becker assumem a liderança da pesquisa em Geografia do Brasil na Universidade do Brasil, e Lia Osório Machado tornou-se estagiária e bolsista de Bertha Becker.

Assim, Lia continuou participando do grupo de pesquisa de Bertha e, eventualmente, dando algumas aulas na UFRJ. Em meados da década de 1960, Bertha Becker estava estudando

6 Os estudos de Biogeografia eram fundamentais para Hilgard Sternberg. Seus primeiros trabalhos realizados pelo centro de pesquisa que montou na Universidade, o CPGB, foram sobre a flora e fauna brasileiras, sobre as condições das riquezas naturais do país, em parceria com os professores estrangeiros. Atividades que foram elaboradas para a confecção do Relatório Interdisciplinar sobre a Conservação da Natureza no Brasil, por solicitação da Associação Internacional de Proteção à Natureza, sediada em Bruxelas. (Mônica Machado, 2009, p.71). Posteriormente, com apoio da Fundação Rockefeller, através do representante da Agricultura, que era muito amigo de Sternberg, o Centro conseguiu recursos importantes para fazer pesquisas e levantamentos de campo. (Maria do Carmo Galvão, apud. Mônica Machado, 2009, p.126)

7 Assim como o pai, a irmã mais nova de Lia, Ligia Maria Osório Silva, era comunista e havia se casado há pouco tempo com Sérgio Silva, também comunista, não morando mais com a mãe. Já Lia nunca aderiu ao comunismo. Segundo ela própria "Hilgard não permitia". (Lia Osório Machado, 2025).

8 Em 1943, Hilgard havia sido contemplado com uma bolsa para estudar com Carl Sauer na Universidade da Califórnia. No mesmo ano, foi para a Universidade de Louisiana estudar com o professor Richard Russell e pesquisou sobre a planície de inundação do Rio Mississippi, tema de sua tese de doutoramento (Mônica Machado, 2009, p.122). Possivelmente, a aproximação de Hilgard Sternberg aos professores norte-americanos foi realizada por intermédio de Pierre Deffontaines, que, em 1939, havia sido seu professor na Universidade do Distrito Federal (originária da então Universidade do Brasil, hoje UFRJ). Deffontaines, assim como Sternberg, era católico e conservador, e, em uma de suas correspondências ao Brasil, chegou a mencionar que Sternberg era um dos seus alunos queridos (Mônica Machado, 2009, p.71)

9 Lia Osório Machado (2025)

os impactos do crescimento urbano-industrial e a transformação do campo no Rio de Janeiro, Espírito Santo, norte de Minas Gerais, Triângulo Mineiro e Oeste de São Paulo. A partir de então, nas duas décadas seguintes, Bertha passou a investigar os espaços de fronteiras, principalmente as frentes pioneiras, frentes de ocupação, no Centro-Oeste e na Amazônia. Inúmeras excursões de campo foram realizadas para o interior brasileiro e para a Amazônia, das quais várias Lia compôs a equipe de pesquisadores.

Nesse contexto, durante a primeira metade da década de 1970, sem emprego e sem terminar sua dissertação de mestrado, além de continuar participando das atividades de pesquisa na UFRJ, Lia fez um concurso público para o cargo de professor do então estado da Guanabara, passando em segundo lugar. Em 1975, iniciou novamente o Mestrado, mas agora na UFRJ, sob orientação de Bertha Becker. Entretanto, resolveu largar tudo e ir para o Centro-Oeste com o marido, que havia conseguido um excelente emprego em Goiás, no então governo de Iris Resende. A decisão de mudar para lá foi influenciada, sobretudo, por ela, interessada em ver de perto o processo de consolidação e expansão da nova fronteira brasileira que se processava no Centro-Oeste e em Goiás naquele momento.¹⁰ “Era a promessa de desenvolvimento brasileiro, o futuro estava no centro-oeste, frente pioneira.”¹¹ Assim, Lia vai para Goiânia, ficando por lá três anos.

Enquanto esteve em Goiânia, realizou vários trabalhos de campo por Goiás que estavam associados à pesquisa desenvolvida por Bertha Becker. Um deles foi para Gurupi, na época município do norte do estado, passando depois ao estado do Tocantins. Como compunha a equipe de trabalho de Bertha e havia participado de vários trabalhos de campo com ela, Lia sabia da importância do Centro Oeste para o projeto de desenvolvimento brasileiro e para a ocupação da Amazônia. Assim, sua dissertação de mestrado apresentou resultados de suas investigações

10 Em 1975, o Centro-Oeste e Goiás representavam a fronteira econômica dinâmica do país, onde capital, tecnologia e mão de obra se encontravam para a produção agropecuária sob o cerrado, processo impulsionado pelo Estado, através de estradas e políticas de ocupação, e por um poderoso setor privado. Era a ‘zona pioneira’ por excelência daquele período, um laboratório da modernização conservadora que moldaria o Brasil agrário das décadas seguintes.

11 Lia Osório Machado (2025)

sobre Goiás, seu processo de urbanização, que era continuidade do de Minas Gerais, e a política de integração no norte de Goiás.

Em 1979, já de volta ao Rio de Janeiro, Lia defendeu sua dissertação de mestrado, *Urbanização e política de integração no norte de Goiás*, e Bertha Becker a convidou a dar aulas na Universidade. Naquele ano, havia sido também convidada para ir par o IBGE, mas preferiu a UFRJ. Ingressou na Universidade no mesmo período em que Milton Santos, que havia recém retornado do exílio, lá estava lecionando, também a convite de Bertha, e tornou-se sua amiga.¹² A partir de então, sustentada nos trabalhos de campo realizados com Bertha Becker desde a segunda metade da década de 1960, a geógrafa passou a se concentrar no estudo da urbanização da Amazônia brasileira, justamente pela sua importância no processo de ocupação da região, no período em que nela se configurava uma fronteira de povoamento.

Depois dos primeiros estudos no campo, foi se tornando claro para os participantes que a dimensão espacial do [processo de ocupação] era um dos aspectos, o mais visível de um gigante processo de apropriação dos territórios, considerados repetidamente como espaços vazios. As políticas de governo, as estratégias dos grupos sociais envolvidos, as lutas por território, eram faces de um mesmo processo, caracterizado pela destruição e construção de formas espaciais numa velocidade considerável. Meu interesse se centrou em um desses aspectos desse processo. Entre tantas fronteiras (agrícola, mineral, energética, madeira) o que me atraiu a atenção foi a expansão da urbanização numa área que os observadores de fora e de dentro da região, consideravam como fronteira de expansão agrícola. O aspecto que se tentou explorar foi a vinculação entre urbanização e política de estado, ou seja urbanização como parte de uma estratégia de apropriação do território que tentava conciliar interesses sociais distintos sob a égide de um projeto geopolítico. Desse interesse nasceram alguns trabalhos entre 1979 e 1986. (Lia Osório Machado, 1989, p. viii)

Assim, em 1979, Lia foi admitida como docente de Geografia humana na UFRJ, lecionando por muito tempo Geografia urbana, sendo ela quem realizou o levantamento da parte urbana da Amazônia que subsidiou o capítulo 'A fronteira urbana e a mobilidade do trabalho' no livro publicado por Bertha Becker, *Amazônia*, em 1990. Em 1984, por sugestão e articulação de Milton Santos, Lia foi fazer seu doutoramento na Universidade de Barcelona, sob orientação de Horácio Capel.

12 Lia Osório Machado (2025)

Cheguei na Amazonia pela Belém-Brasília, no mestrado. Quando fui fazer o doutorado, não tinha projeto e fiquei encantada pela História da Ciência, tema que o Capel desenvolvia. E como Barcelona era uma cidade linda naquela época, resolvi ir para lá com meu filho ainda criança e fazer uma pesquisa sobre a história da Amazônia. A pesquisa documental veio do Brasil, e meu pai muito me ajudou nesse levantamento. (Lia Osório Machado, 2025)

Em 1989, defendeu o doutoramento e retornou ao Brasil, depois de cinco anos na Espanha, com uma tese de Geografia política histórica: *Mitos e realidades da Amazônia brasileira no contexto geopolítico internacional, 1540-1912*. Lamentavelmente, essa tese nunca foi publicada em livro, o que dificultou sua circulação, ficando restrita a um grupo pequeno de estudiosos da Geografia interessados na Amazônia. Uma pena, pois sustentada em uma extensa pesquisa bibliográfica e documental, ofereceu um rico e detalhado panorama da apropriação territorial da Amazônia e de suas formas de controle, associando-o aos interesses geopolíticos internacionais, durante três séculos, desde a colonização americana, pelos primeiros povos europeus, até o primeiro período de exploração da borracha, quando, segundo a autora, encerrou-se uma das etapas do processo de consolidação do território amazônico por parte dos brasileiros. Assim, durante o doutoramento, seu conhecimento empírico, advindo dos trabalhos de campo realizados na segunda metade da década de 1970, associou-se a uma sólida fundamentação teórica, provocada por Capel.

Gostaria de explicar a natureza da minha ignorância antes de embarcar no projeto do doutoramento. Desde 1977, estive engajada num outro projeto de investigação dirigido por Bertha na UFRJ. Fundamentado no trabalho de campo, seu objetivo era seguir o processo de ocupação da Amazônia brasileira no momento em que nela se configurava uma fronteira de povoamento. [...]. Ao chegar a Barcelona, meu objetivo inicial era aproveitar as informações que havia acumulado para um trabalho que se desejava mais rigoroso do ponto de vista de consistência e articulação. O contato com Capel ocasionou um giro considerável na minha pretensão original. Suas perguntas estimulantes sobre o tema me levaram a avaliar, pela primeira vez, a extensão da minha ignorância sobre a região que eu propunha a estudar em um de seus aspectos particulares. (Lia Osório Machado, 1989, p. vii-viii)

Após seu doutoramento, Lia passou a ministrar na Universidade cursos sobre Amazônia, Geopolítica, História das ideias e, posteriormente, Território, redes e sistemas. O tema da Geopolítica foi tanto influência do seu pai que fazia parte do grupo intelectual da esquerda militar, com Nelson Werneck Sodré, quanto do trabalho junto com Bertha Becker, que pesquisava a política de desenvolvimento da Amazônia e lecionava Geografia política e

Geopolítica no Instituto Rio Branco. Os temas da História e da História da ciência, desenvolveu em Barcelona, sobretudo, pela influência de Horácio Capel. Assim, suas vertentes de investigações passaram a caminhar em duas principais direções: história da ciência geográfica e Amazônia.

Em 1995, publicou um importante artigo sobre o pensamento geográfico na Primeira República, resultado da pesquisa que realizou por três anos no IHGB, denominado 'Origens do pensamento geográfico no Brasil: meio tropical, espaços vazios e ideia de ordem'. De grande repercussão, não apenas porque naquela década a História do pensamento geográfico brasileiro era um campo ainda em construção¹³ - e atraía o interesse de uma nova geração de geógrafos, da qual eu fazia parte - mas porque apresentava uma discussão diferenciada, centrada nas ideologias científicas e suas implicações nas representações do território e da nação brasileira. Da mesma forma, o artigo identificava a transposição de ideias geográficas europeias e norte-americanas e sua circulação pelo Brasil, associando-as às condições iniciais de desenvolvimento da Geografia como ciência moderna no país, entre o final do século XIX e o início do século XX, período que ainda era muito carente de contribuições naquele momento.

Apesar de seu interesse pela História da ciência, suas investigações sobre a Amazônia continuaram mais intensas e expressivas, sobretudo a partir da perspectiva geopolítica. Se antes o eixo era a urbanização, agora passou a ser a geopolítica. O controle e a gestão do território, sobretudo pelas redes e suas localizações, ganharam destaque e guiaram suas pesquisas a partir de meados da década de 1990.¹⁴ A questão que se colocou para Lia relacionou-se às novas atividades econômicas na Amazônia, uma vez que elas continuavam presentes apesar do fim da política de integração nacional do regime militar. Quais atividades eram essas que passavam a

13 Vale mencionar que, na década de 1990, Antonio Carlos Robert Moraes capitaneava boa parte dos jovens geógrafos interessados nos estudos da história da ciência e da Geografia histórica no Brasil. Sua contribuição foi fundamental não apenas para a consolidação desse campo de pesquisa no país, como também para o desdobramento de futuras investigações na interface entre Geografia, História e Política.

14 Cabe assinalar também que, em meados da década de 1990, Lia Osório iniciou outra frente de pesquisa, dedicada a estudos socioambientais para órgãos de planejamento do estado do Rio de Janeiro. Dessa frente, resultaram os seguintes trabalhos: Diagnósticos socioambientais para Angra dos Reis (1995); Diagnóstico socioambiental da Bacia Hidrográfica da Baía de Sepetiba (1996); Diagnóstico socioeconômico da Bacia do Caceribu-RJ (1998); Diagnóstico do estado atual de qualidade ambiental do geossistema do Maciço da Tijuca (2000); Mapeamento dos Recursos Socioeconômicos da Baía da Guanabara e Baía da Ilha Grande (2001); Avaliação de metodologias de valoração de danos causados por vazamento de petróleo (2003) e Zoneamento ecológico-econômico do estado do Rio de Janeiro-relatório socioeconômicos (2009).

movimentar a economia regional, uma vez que havia se encerrado o grande processo de desenvolvimento estatal dirigido no Governo Geisel pelo plano geopolítico de Golbery do Couto e Silva? Lia percebia a existência de fluxos de dinheiro em lugares da Amazônia que não tinham nenhuma referência na produção de bens ou serviços locais. O que explicava, por exemplo, o movimento de dinheiro em municípios pequenos como Tabatinga, na fronteira entre Brasil, Colômbia e Peru?

No período em que esteve na Espanha, Lia havia descoberto o estudo das redes, em um evento científico que participou junto com Horácio Capel e Carles Carreras, e comentou com Leila Dias, que na mesma época estava na França fazendo seu doutoramento sob orientação de Paul Claval. Lia esqueceu do assunto e Leila levou à diante e realizou um trabalho original no doutoramento sobre a rede técnica e território, em 1991, com dados obtidos na então Embratel: *As redes de telecomunicação e a organização territorial e urbana no Brasil*. Foi lendo esta tese que Lia teve a ideia de trabalhar com redes e a partir de dados conseguidos no setor de estatística do Banco do Brasil, em Brasília, passou a investigar a rede bancária na Amazônia.¹⁵ Quando descobriu que a economia regional passava a ser movimentada por um modelo complexo da globalização das drogas.

A partir de 1995, começou a divulgar seus resultados de pesquisas que demonstravam a relação entre drogas ilícitas e redes geográficas, e montou uma agenda de pesquisa sobre a Geografia das drogas ilícitas e redes geográficas na Amazônia. Com o desenvolvimento desta investigação, deu continuidade a publicação de vários outros trabalhos no Brasil e no exterior tanto sobre o movimento do dinheiro e o tráfico de drogas na Amazônia quanto sobre o tráfico de drogas e o sistema financeiro internacional. 'O comércio ilícito de drogas e a Geografia da integração financeira: uma simbiose' (1996) foi um dos seus primeiros artigos. Embora houvesse estudos sobre o sistema *Hot Money*¹⁶ e mesmo este já fosse utilizado pelos traficantes de drogas para a lavagem do dinheiro, não havia ainda no Brasil, na América do Sul ou nos Estados Unidos

15 Lia Osório Machado (2025)

16 Termo usado na economia e no mercado financeiro internacional para se referir a capitais financeiros que se movem rapidamente entre países, em busca do melhor retorno no menor tempo possível. É essencialmente especulativo e volátil, fugindo ao primeiro sinal de problemas ou de melhores oportunidades em outro lugar.

pesquisas que apresentassem a associação entre tráfico de drogas e sistema financeiro. Foi Lia Osório quem juntou o sistema financeiro e a empiria da Amazônia e descobriu essa associação, o que foi novo e original na época. Assim, no final da década de 1990, este trabalho ganha grande expressão. Não só passou a ser convidada para falar sobre o assunto no exterior, como recebeu uma carta do gabinete de Bill Clinton parabenizando pelo trabalho e externalizando o interesse por mais informações. Passou a participar também do Projeto MOST (Management of Social Transformations), um programa de pesquisa intergovernamental da UNESCO, para formulação de políticas públicas, sobre a Geografia das drogas e sistema financeiro internacional.¹⁷

Dessa investigação, com apoio do CNPq e da FAPERJ, decorreram os estudos sobre fronteiras e zonas de fronteiras da Amazônia, justamente porque era onde passavam as drogas, por terra, por pequenas aeronaves e, sobretudo, pelos rios, em virtude da imensidão da bacia amazônica em água e lençóis aquíferos. Ao iniciar o levantamento bibliográfico e documental descobriu que não havia muita coisa sobre a fronteira brasileira. Nem mesmo no Itamarati havia algum acervo, o que era impressionante, pois cerca de 2/3 de toda a extensão de fronteiras do continente sul-americano são brasileiras. Assim, a partir da agenda de pesquisa implantada e coordenada por Lia Osório, dos anos 2000 em diante surgiram vários estudos sobre pontos da fronteira brasileira, muito embora ainda continue seguindo como uma área carente de trabalhos.¹⁸

Em 2004, Lia passou a liderar um grupo de pesquisadores para a sistematização e análise de informações econômicas, culturais e institucionais das Faixas de Fronteiras, para o Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira do Plano Plurianual do Governo Federal, que tinha como proposta retomar o planejamento estratégico do Estado. Assim, a partir do apoio recebido pelo então Ministério da Integração Nacional, no primeiro Governo Lula (2003-2006), sob gestão de Ciro Gomes, Lia Osório elaborou um estudo detalhado da fronteira seca brasileira, área que

¹⁷ Lia Osório Machado (2025)

¹⁸ Lia Osório Machado (2025). Entre os anos de 2001 e 2005, além da UFRJ, Lia Osório atuou como professora visitante na Universidade Cândido Mendes, no mestrado em *Planejamento Regional e Gestão de Cidades*, ministrando a disciplina *Cidade e Rede de Cidades*.

corresponde acerca de 30% do território nacional. O estudo serviu de base para a nova política de desenvolvimento da Faixa de Fronteira do Ministério e foi por este publicado em 2005 sob o título: *Bases de uma Política Integrada de Desenvolvimento Regional para a Faixa de Fronteira*.

Nessa nova política, o estudo realizado pela geógrafa foi fundamental, pois propunha uma alteração nos critérios de distribuição dos investimentos. Assim, foi um marco não apenas no pensamento sobre as fronteiras brasileiras, como nas diretrizes e estratégias de planejamento territorial público e privado, pois introduziu ao lado da concepção da *Faixa de Fronteira* (limite jurídico político, diretamente associada à ideia de linha e limite), o conceito de *Zona de Fronteira*, um espaço (social, econômico e cultural) dinâmico de interações transfronteiriças.

Ao deslocar o enfoque de uma concepção 'linear', própria à noção de limite ou divisória internacional, para uma concepção de área ou região de fronteira, introduziu-se uma distinção muito relevante para este trabalho, entre faixa e zona de fronteira. Enquanto a faixa de fronteira constitui uma expressão *de jure*, associada aos limites territoriais do poder do Estado, o conceito de zona de fronteira aponta para um espaço de interação, uma paisagem específica, com espaço social transitivo, composto por diferenças oriundas da presença do limite internacional, e por fluxos e interações transfronteiriças, cuja territorialização mais evoluída é a das cidades-gêmeas. (Lia Osorio Machado et al, 2005, p.21)

Lia Osório, assim, chamou atenção para esse espaço geográfico singular que era a zona de fronteira, formada pela interação das faixas territoriais de ambos os lados do limite internacional. Embora as realidades geográficas dos municípios da Faixa de Fronteira fossem distintas, percebeu que em vários havia cidades que constituíam seu núcleo, concentrando tanto potencial de integração quanto os problemas característicos da fronteira e as denominou de *cidades-gêmeas*. Nesses municípios, estas cidades é que deveriam ser alvos prioritários de políticas públicas para a fronteira, pois era o meio geográfico que melhor a caracterizava na escala local/regional.¹⁹

A denominação de *cidades-gêmeas* surgiu para a geógrafa durante as pesquisas de campo, como uma alusão ao caso norte-americano das *Twin Cities* de Minneapolis-Saint Paul, no estado de Minnesota. Lia trouxe o conceito de *cidade-gêmeas* para a Geografia brasileira, dotando-o de

¹⁹ Lia Osorio Machado et al (2005, p.153)

um rigor analítico e uma profundidade teórica que o transformou em uma ferramenta essencial para compreender a complexidade e a dinâmica de municípios fronteiriços. O geógrafo, diplomata e geopolítico francês Michel Foucher também havia tratado desse termo no final da década de 1980, em *Fronts et Frontières: un tour du monde géopolitique* (1988), mas foi Lia Osório quem o traduziu, adaptou e aplicou sistematicamente ao contexto sul-americano e brasileiro, institucionalizando seu estudo no país. Transformou um fenômeno geográfico observável em uma categoria de análise crucial, adotada posteriormente pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e por uma rede de universidades do interior que fazem da fronteira seu laboratório de pesquisa.

Se, por um lado, sua pesquisa anterior sobre o tráfico de drogas havia sido inovadora e de grande expressão, a das fronteiras foi a mais importante do ponto de vista do Brasil, sobretudo porque resultou em uma política de Governo. Assim, nos anos seguintes Lia Osório prosseguiu nos estudos das fronteiras publicando vários artigos a elas relacionados. Em 2012 iniciou outra grande investigação, que durou até 2016, sobre as fronteiras continentais brasileiras relacionando-as agora à criminalidade e violência. Realizou um diagnóstico socioeconômico e demográfico compreendendo os 588 municípios fronteiriços da Faixa de Fronteira, por solicitação do então Ministério da Justiça e Cidadania – Secretaria Nacional de Segurança Pública, para o Programa de Estratégia Nacional de Segurança Pública nas Fronteiras (ENAFRON), do primeiro Governo Dilma. O Programa tinha como objetivo intensificar o controle e a fiscalização na fronteira continental brasileira, especialmente na prevenção, no controle e na repressão de delitos transfronteiriços, a fim de subsidiar as ações do Governo Federal.²⁰ Desse modo, mais uma vez o trabalho de Lia Osório subsidiava uma política de Estado.

Em 2011, aposentou-se da Universidade Federal do Rio de Janeiro, mas continuou lecionando no Programa de Pós-graduação em Geografia e dando prosseguimento a sua agenda de pesquisa, às suas publicações e às orientações de mestrado e doutorado. O tema da Geopolítica tornou-se cada vez mais central e relevante para a geógrafa. Em 2020, passou a

20 Neves, A.J.; Baptista, G.C.; Machado, Lia Osorio; Neme, C.; Engel, C.L. (2016, p.25)

atuar como professora visitante da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), no Programa de Pós-graduação em Geografia.²¹ Lembro-me que, justamente no mesmo mês em que foi decretada a fatídica pandemia da COVID-19, realizamos uma reunião de pesquisa na UERJ, marcando o início de seu trabalho na instituição. A partir de então, tive a sorte de ministrar com Lia disciplinas no Programa de Pós-graduação e de aprender bastante com ela sobre a Geografia brasileira, o Brasil e a Geopolítica.

SÍNTESE DE UMA TRAJETÓRIA: LEGADO DE UMA INTÉRPRETE DO BRASIL

A forma de produção de conhecimento de Lia Osório Machado esteve sempre guiada pela pesquisa geográfica sustentada na associação entre observação empírica, sobretudo a partir das inúmeras excursões de campo, e rigor teórico. Sua trajetória espacial participou igualmente da construção do seu conhecimento e acompanhá-la nos ajudou a compreender suas opções de pesquisa e suas descobertas.

Iniciando sua vida profissional na cidade do Rio de Janeiro, ainda então capital da República, Lia ingressou na universidade que, naquela época, formava uma geração guiada pela ideologia nacional, a Universidade do Brasil, depois denominada Universidade Federal do Rio de Janeiro. Aqui Lia obteve sólida formação acadêmica e oportunidade de participar de um grupo importante de pesquisa sobre o Brasil, o CPGB. Essa experiência lhe proporcionou desenvolver estudos sobre a urbanização em áreas de fronteira agrícola no Centro-Oeste, nos quais já percebeu a cidade como um agente ativo no processo de ocupação do território. Posteriormente, suas descobertas foram sendo aprimoradas nos extensos trabalhos de campo com Bertha Becker na Amazônia, e enriquecida durante seu doutoramento, resultando na sua tese sobre a geografia histórica política da Amazônia, e no aprofundamento da Geopolítica, que por sua vez

21 Em 2019, em função de sua trajetória profissional e de sua contribuição intelectual, encaminhei o nome de Lia Osório ao Departamento de Geografia Humana para concorrer à vaga de professor titular aberta pela universidade. Vale recordar que, em 2014, eu havia feito o mesmo com o professor Pedro Geiger, que atuou na UERJ por cinco anos. Na ocasião, havia também a indicação de outro nome advindo do grupo da Geografia cultural, o qual, por razões associadas à sua personalidade (autêntica e livre) tinha ressalvas à sua indicação. Contudo, dada sua relevância acadêmica, seu nome foi majoritariamente apoiado e encaminhado para avaliação institucional e prontamente aprovado.

lhe forneceu conhecimentos essenciais para a compreensão mais profunda dessa região e do próprio país.

A partir de então temas mais complexos sobre a dinâmica espacial brasileira associados à geopolítica internacional foram surgindo. A percepção da urbanização como estratégia de apropriação territorial levou-a à investigação pioneira das redes geográficas do tráfico de drogas, identificando nelas uma lógica espacial moderna e global que reconfigurava a Amazônia. Por sua vez, esse estudo sobre redes e dinâmicas transfronteiriças culminou na sistematização da investigação das fronteiras brasileiras, onde os conceitos de *zona de fronteira* e *cidades-gêmeas* foram muito importantes acadêmica e politicamente. Ambos os conceitos forneceram um novo quadro de análise para o território brasileiro, posteriormente adotado por instituições governamentais e incorporado pelas políticas públicas federais.

Quando se aposentou da UFRJ e diminuiu suas atividades de trabalho, pôde direcionar seu tempo ao estudo da atual geopolítica internacional e a situação do Brasil nesse contexto. Não ficando seu legado apenas no passado. Sua interpretação sobre o Brasil e o mundo, a partir da Geografia, continuou sendo desenvolvida, mas agora a chave de leitura para a geógrafa está na investigação das redes geográficas, aquelas que impactam diretamente na dinâmica e configuração do território.

Assim, indagada sobre o que considerava fundamental, na atualidade, para o estudo geográfico, Lia respondeu com rapidez: “a Geopolítica, sobretudo a partir das redes”.

Se a geopolítica está mudando, significa que a geografia, em geral, está mudando no mundo, e as dinâmicas das relações e conexões entre os povos, entre povo e região, entre as regiões, e as redes estão se modificando. Se quisermos conhecer a dinâmica da sociedade hoje, do ponto de vista geográfico, precisamos aprender onde estão as redes, a geografia das relações entre o território e as ações humanas. (Lia Osório Machado, 2025)

Segundo a geógrafa, compreender as dinâmicas da sociedade contemporânea exige, portanto, decifrar as redes – sejam elas de internet, bancárias ou de relações de poder – como caminhos fundamentais para analisar as conexões e interações que remodelam o território. Assim, seu legado está associado às seguintes contribuições: um conjunto de conceitos que

redefiniram o estudo das fronteiras no Brasil; uma contribuição prática à gestão do território, com trabalhos que subsidiaram políticas públicas e refletiram seu compromisso com o entendimento e o desenvolvimento do país; e um programa de pesquisa para a Geografia, a partir da relação entre espaço, política e economia, no qual as redes são um conceito-chave.

Lia se consolidou como uma intérprete do Brasil, uma intelectual da Geografia brasileira. Suas contribuições transcenderam o universo acadêmico e se tornaram ferramentas concretas para o planejamento territorial nacional, influenciando gerações de pesquisadores e a ação de ministérios e institutos oficiais. Sua trajetória confirma uma enorme coragem intelectual que não desiste de perseguir as perguntas incômodas, não se rendendo à aceitação de ideias prontas ou a explicações simplistas que não capturem a complexidade dos fenômenos. O mais revelador em Lia é a fusão entre quem ela é e como enxerga o mundo. Sua personalidade autêntica e radical é a mesma ferramenta com a qual decifra o espaço, transformando um simples detalhe em uma narrativa complexa da realidade. Podemos dizer que sua essência pessoal é a essência do seu olhar geográfico.

REFERÊNCIAS

- BECKER, Bertha. **Amazônia**. Rio de Janeiro: Editora Ática -Serie Princípios, 1990.
- CORREIO DA MANHÃ (Rio de Janeiro), 12 de abril de 1964. Ano 1964/Edição A21786 (1). Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=089842_07&pagfis=5049. Acesso em: 13 out. 2025.
- MACHADO, Lia Osório. **Mitos e Realidades da Amazônia Brasileira no contexto geopolítico internacional (1540-1912)**. Tese (Doutorado em Geografia Humana), Universidade de Barcelona, 1989.
- _____. Origens do pensamento geográfico no Brasil: meio tropical, espaços vazios e ideia de ordem. In: CASTRO, I.; GOMES, P.C; CORRÊA, R.L. (Org.). **Geografia**, conceitos e temas, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p. 309-353.
- _____. O Comércio Ilícito de Drogas e A Geografia da Integração Financeira: Uma Simbiose? In: CASTRO, I. et al. (Org.). **Brasil**. Questões atuais da reorganização do território. Rio de Janeiro: Bertran Brasil, 1996, p.15-64.
- _____. Depoimento concedido à Mônica Machado. Rio de Janeiro, 12 de março de 2025. Barra da Tijuca, Rio de Janeiro.
- MACHADO, Lia Osorio et al. **Bases de uma Política Integrada de Desenvolvimento Regional para a Faixa de Fronteira**. Brasília, DF: Ministério da Integração Nacional, 2005. v. 1. 450p.
- NEVES, A.J.; BAPTISTA, G.C.; Machado, Lia Osorio; NEME, C.; ENGEL, C.L. **Segurança Pública nas Fronteiras: Diagnóstico Socioeconômico e Demográfico**. Brasília: Ministério da Justiça e Cidadania, 2016.
- MACHADO, Mônica Sampaio. **A construção da Geografia universitária no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Apicuri, FAPERJ, 2009. 231p.
- LACORTE, Maria Helena; MIRANDA, Mariana; BRITO, Maristella; MACHADO, Lia Osorio. Hilgard O'Reilly Sternberg (Rio de Janeiro, 1917- Fremont, 2011). **Espaço Aberto**, Rio de Janeiro, Brasil, v. 1, n. 1, p. 189–194, 2011. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/EspacoAberto/article/view/2048>. Acesso em: 13 out. 2025.